

**ESPAÇO DIALÓGICO SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: E AGORA,
PROFESSOR?**

DIALOGICAL SPACE ON SEXUALITY IN ADOLESCENCE: WHAT'S UP, TEACHER?

Michelangela Pinto Vieira
michelangela.mv@gmail.com
Enfermeira. Univasf

Mônica Cecília Pimentel de Melo
monica.cecilia@univasf.edu.br
Doutora em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde com Associação entre
UFRGS/UFSM/FURG
Professora Univasf

Ana Karla da Silva Freire
akarlasf@hotmail.com
Especialista em Enfermagem do Trabalho e Residência em Saúde Mental - Univasf

Nayara Mendes Cruz
nayaramendescruz@hotmail.com
Mestre em Ciências da Saúde e Biológicas – Univasf

Vitória Silva Coêlho
vitoriacoelho96@hotmail.com
Graduanda em Medicina - Univasf

Deolindo de Sousa Ribamar
deolindo_sousa@hotmail.com
Graduando em Medicina - Univasf

Gustavo Elias da Silva
gustavoelias@outlook.com
Graduando em Medicina - Univasf

Félix Alexandre Antunes Soares
felix@ufsm.br
Doutor em Ciências Biológicas (Bioquímica) - UFRG

Mateus Mattiuzzi da Costa
mateus.mattiuzzi@gmail.com
Doutor em Biologia Celular e Molecular - UFRG

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de se abordar a sexualidade na adolescência em sala de aula e as dificuldades com as quais os docentes possam se deparar com esse tema em sua prática, o presente estudo buscou discutir as relações entre educador, aluno e sexualidade, sob o enfoque da dialogicidade com o professor. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, com ferramenta metodológica baseada na pesquisa-ação, e como enfoque teórico, a metodologia da problematização. Realizado em Juazeiro, Bahia, no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva, na qual, desenvolveu-se uma oficina crítico-emancipatória com os educadores, em uma lógica de intervenção no *lócus*, estruturada como contribuição à mudança social em produzir informações reflexivas. Durante a oficina ficou evidente a transformação de valores ao longo dos anos no tocante à sexualidade na adolescência. A existência de estratégias como o Programa Saúde na Escola (PSE), assim como, os educadores e a própria escola, demonstraram ter um importante potencial de transformação. Porém, para além disso, existe a necessidade de articulação e corresponsabilização de todos os atores envolvidos no processo de cuidado e educação dos adolescentes, para que as informações no campo da saúde sexual e reprodutiva promovam sujeitos autônomos, responsáveis e conscientes do exercício de sua sexualidade, através da adequada orientação.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescente. Educação. Docentes.

ABSTRACT

Given the need to address adolescence sexuality in the classroom and the difficulties with which teachers may encounter with this theme in their practice, the present study sought to discuss the relationships between educator, student and sexuality under the dialogicity with the teacher. It is a qualitative and descriptive study based on experience report as a methodological resource action research and theoretical approach, aiming at the methodology of problematization. It was held in Juazeiro, Bahia, at the Misael Aguilar Silva State High School, in which a critical-emancipatory workshop with educators was developed, based on a logic of intervention in locus, structured as a contribution to social change in producing reflective information. During the workshop it was noted that, despite the transformation of values over the years and strategies such as the Programa Saúde na Escola (Health at School Program), there is still a long way to go in relation to sexuality in adolescence, and that educators and the school have a important potential of transformation, however, there is also a need for articulation and co-responsibility of all actors involved in the process of care and education of adolescents, so that information in the field of sexual and reproductive health promotes autonomous subjects, responsible and aware of the exercise of their sexuality through appropriate guidance.

Keywords: Sexuality. Adolescent. Education. Teachers.

INTRODUÇÃO

Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens, criada em 2004, está pautada na Constituição Brasileira, arrolada no Estatuto da Criança e do Adolescente, sustentada pelos princípios dos direitos humanos, na qual, norteia diversas ações, serviços e programas do setor saúde, voltados para o público de adolescentes e jovens, fundamentada nas diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2006). Nesse ensejo, o Ministério da Saúde assume como prioridade a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, pois a compreende como um aspecto integrante no exercício do direito fundamental à saúde dessa população (BRASIL, 2007).

Para tanto, o Ministério da Saúde, juntamente com o Ministério da Educação, tem desenvolvido ações conjuntas para trabalhar a saúde e a educação sexual e reprodutiva nas escolas, através do Programa Saúde na Escola (PSE), o que tem se mostrado um grande desafio (BRASIL, 2011). Um estudo realizado em escolas de educação básica do município de Goiânia-GO, que já possuíam o PSE implantado, constatou que os professores ainda apresentavam dificuldades em abordar a temática. Esse atrelamento deveu-se à falta de aproximação com o tema, revelando a necessidade de intervenção nesse aspecto, a fim de contemplar a proposta do Parâmetro Curricular Nacional (PCN) (RUFINO; PIRES; OLIVEIRA; SOUZA, S.; SOUZA, M., 2013).

A proposta referida é de que o assunto seja abordado de forma transversal e em todas as disciplinas, sem que estas deixem de abordar sua área específica, tornando claras as relações com as demais áreas do conhecimento (MOREIRA; ROCHA; PUNTEL; FOLMER, 2011). A necessidade em se aproximar saúde e educação deve-se ao fato da sociedade ter se tornado, ao longo dos anos, menos proibitiva quando o assunto é a sexualidade na adolescência, pois por muito tempo família e escola adotaram uma postura mais omissa ao tratar do tema (BRASIL, 2006). Desse modo, a perpetuação de posturas omissas dos três âmbitos, família, escola e saúde permitem que as lacunas geradas para os adolescentes sejam preenchidas por fontes de informação que, muitas vezes, podem difundir um alto conteúdo sexual através de mensagens que valorizam o sensacionalismo, a erotização e as relações casuais, excluindo a família, a escola e a unidade de saúde como suportes mais confiáveis para a obtenção de informações (BRASIL, 2006).

Entretanto, nessa relação escola, adolescência e sexualidade verifica-se, comumente, a adoção de posturas estereotipadas, na qual, os adolescentes são tratados como "enigmáticos, incompreensíveis, inacessíveis, quase impermeáveis às orientações dos adultos e às ações educativas" desses profissionais (PEREIRA, 2002, p. 2).

Aos educadores, o tema pode ser sinônimo de apreensão e incômodo, pois ao lidar com sentimentos e comportamentos tão íntimos, o imaginário dos alunos pode revelar posturas provocativas e até mesmo equivocadas, para com quem está à frente de uma sala de aula (PIROTTA; BARBOZA; PUPO; UNBEHAUM; CAVASIN, 2013). Isto posto, o estudo teve como objetivo discutir as relações entre educador, aluno e sexualidade, sob o enfoque da dialogicidade com o professor. A dialogicidade, na perspectiva freiriana, está sendo proposta como uma estratégia na resolução de problemas, com intervenção direta no *lócus*, plasmada em uma educação problematizadora, do educar para transformar (FREIRE, 1996).

Nesse sentido, o estudo foi relevante, pois oportunizou um espaço de escuta e reflexão na escola, capaz de promover estratégias para o enfrentamento do novo, permitindo ao docente tornar-se um porto seguro importante dessa relação entre sala de aula e sexualidade na adolescência. Cabe ressaltar ainda, como proposta de intervenção, a elaboração de um material educativo para auxiliar os educadores de diversas áreas do conhecimento a trabalhar a educação sexual na escola, de forma transversal, no sentido de estabelecer relações entre o saber e a vida cotidiana.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, com ferramenta metodológica baseada na pesquisa-ação (FRANCO, 2015). A pesquisa-ação deu-se por conta de alguns relatos empíricos de professores que alegavam não saber lidar com as situações de vulnerabilização dos adolescentes, dentre eles, a gravidez. A pesquisa-ação trata de um processo em que se promove transformação, ressignificação de atitudes e concepções, no qual o sujeito apropria-se de tais mudanças e encara a prática sob uma nova perspectiva (FRANCO, 2015). Contudo, pressupondo que o processo ensino-aprendizagem deve superar o domínio técnico contido nos livros e apostilas e que o saber em sala de aula seja

transformador de realidades, a metodologia da problematização revelou-se como enfoque teórico desse estudo (FREIRE, 1996).

A proposta da educação problematizadora desvela que problematizar é,

“a partir da realidade do sujeito, criar o conflito cognitivo que o leve a recorrer a seu referencial, identificar o que precisa ser mudado nesta realidade e, com base num referencial científico, buscar os conhecimentos necessários para, primeiro, compreendê-la, e posteriormente, intervir na realidade” (BACH; CARVALHO, [S.N], p. 6).

A pesquisa ocorreu em Juazeiro, estado da Bahia, no Colégio Estadual Misael Aguilár Silva, pois possui o PSE implantado e no período de levantamento do *locus*, ocorreram práticas da Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF/UNIVASF). Acreditou-se que com o PSE implantado e com a atuação da RMSF, o resultado fosse ser efetivo para a autonomia de escolhas responsáveis e seguras no que tange à sexualidade na adolescência com discussões dentro do espaço escolar.

O colégio funciona nos 03 turnos escolares, possui os ensinamentos fundamental II e médio e conta com 23 professores. Os colaboradores foram professores que atuavam no ensino fundamental II e/ou médio e tivessem experiência escolar de 01 ano ou mais, considerando que esse seja um período mínimo de convivência com o tema “sexualidade na adolescência” em sala de aula. Também, contou-se com a participação da gestão escolar.

Utilizou-se a amostra não probabilística, do tipo intencional e por exaustão, contemplada pela adesão voluntária e disponibilidade dos participantes (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Por conseguinte, contou-se com a presença de 11 professores na oficina crítico-emancipatória - “Dica do mestre, falando sobre sexualidade na adolescência no Vale do São Francisco (VSF)”. - com os educadores interessados na temática, ocorrida em 14 de novembro de 2015, em uma lógica de intervenção no *locus* de estudo, estruturada como contribuição à mudança social em produzir informações reflexivas.

Esse tipo de oficina permite a colaboração de cada participante em um ambiente descontraído, cuja relação se dá de forma horizontal, sem polaridades de poder, com o objetivo de se construir coletivamente o conhecimento através do diálogo e de práticas pedagógicas integrativas e reflexivas (FONSECA; AMARAL, 2012). A oficina obedeceu a seguinte estruturação: apresentação e integração; desenvolvimento do tema; socialização das experiências; síntese; avaliação; e descontração/relaxamento (FONSECA; AMARAL, 2012).

O registro do material empírico deu-se em um celular com função de gravador portátil, obtendo-se, dessa forma, aproximadamente, 5h de gravação de áudio. Anteriormente, foi

solicitado o consentimento do participante. Todo material produzido foi transcrito, ocorrendo apenas correções de linguagem realizadas nas falas, porém de caráter ortográfico, sem alteração do sentido das mesmas.

Como a pesquisa pretendeu também fornecer subsídios sobre o desenvolvimento do assunto em sala de aula para além de um momento construtivo como a oficina, após sua realização, elaborou-se um material educativo com propostas de trabalho sobre educação sexual nas escolas sob o enfoque da transversalidade do tema. O foco foi permitir que o saber escolar e a vida cotidiana se enlaçassem, possibilitando a transformação de realidades.

Todos os participantes assinaram, previamente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa possui aprovação pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas da UNIVASF, sob o protocolo 0014/250614, tendo sido obedecido todos os critérios da resolução 466/2012 no que tange a pesquisa com seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para dar início à oficina, os professores foram recepcionados pelos facilitadores com balas de cores diversas, distribuídas de forma que os participantes que receberam balas de mesma cor formassem pares, com o intuito de que as duplas fossem formadas aleatoriamente, para então, dar início as apresentações e integração.

Na sala, os participantes foram orientados a sentarem-se no lugar de sua escolha e a adotarem como pseudônimo uma palavra que remetesse à adolescência. Em seguida, foram distribuídos materiais para a confecção de um crachá, na qual, seria escrito o pseudônimo escolhido. Deu-se início à dinâmica de apresentação, em que foi solicitado aos professores que formassem pares com o colega que tivesse a bala de mesma cor, para que conversassem entre si e fizessem a apresentação um do outro para o grupo.

Os pseudônimos escolhidos estavam predominantemente relacionados à *internet* e às redes sociais e observou-se, durante a exposição das justificativas de escolha dos mesmos, a tendência em relacionar o adolescente ao uso constante dessas ferramentas, como nas falas abaixo:

“Essa é Facebook [...]. Ela escolheu Facebook porque os alunos vivem no Facebook”.
WIFI

“[...] ela escolheu *wifi* porque ela também tem filhas adolescentes e quando não disponibiliza o *wifi*, a briga dentro de casa começa”. *FACEBOOK 2*

Tal tendência é observada em trabalho realizado com adolescentes de uma escola pública que demonstrou que o uso excessivo de celulares com acesso à *internet*, dentro das dependências escolares e durante as aulas, preocupava a instituição. Questionados sobre para que usavam a rede, os adolescentes citaram que servia para assistir filmes e buscar informações sobre sexualidade (LIMA; BARCELOS; BERNI; CASULA; FERREIRA; FIGUEIREDO; MACIEL; NUNES; OTONI, 2015).

Para o desenvolvimento do tema, os professores foram convidados a fazer uma viagem no tempo, e buscar em suas memórias fatos marcantes relacionados à sua sexualidade quando adolescentes, e então, escrever em uma folha, sem colocar qualquer tipo de identificação. Os relatos foram colocados dentro de balões de ar, jogados e misturados, em um momento bastante descontraído, enquanto se tocava a música “Já sei namorar”¹. Ao final da música, cada professor pegou um balão e foram orientados a estourá-lo e ler o relato que havia dentro, expondo, a partir do relato lido, suas impressões sobre as vivências da sexualidade pelos adolescentes de sua época e pelos adolescentes de hoje.

A socialização das experiências de forma anônima justifica-se pelo fato do tema sexualidade ainda ser permeado por dúvidas, mitos, tabus e preconceitos. É comum que os educadores não se sintam confortáveis em abordar o tema, mesmo que o ambiente escolar e o professor sejam vistos pelos pais dos alunos como adequados para tratar do assunto (NOTHAFT; ZANATTA; BRUMM; GALLI; ERDTMANN; BUSS; SILVA, 2014). Diante do exposto, o comportamento evasivo dos pais, ao se tratar da sexualidade dos filhos, pode ser encarado como uma reprodução do que eles próprios experienciaram durante sua adolescência, com a falta de informação adequada, com uma educação baseada na repressão e na crença em alguns mitos e tabus (BACCARAT DE GODOY MARTINS; ALMEIDA; ALENCASTRO; MATOS; SOUZA, 2012).

Contrariando a visão dos pais, um estudo expõe dados relativos à percepção dos educadores, os quais consideram que aqueles é que são responsáveis pela orientação sexual de seus filhos e não se sentem preparados para exercer esse papel. Tal despreparo pode ser atribuído à deficiência na formação, à intensa jornada de trabalho, carência de recursos

¹ Monte, M.; Antunes, A.; Brown, C. Já sei namorar. Tribalistas. Rio de Janeiro, EMI, 2002.

didáticos e estrutura para qualificar-se (PIROTTA; BARBOZA; PUPO; UNBEHAUM; CAVASIN, 2013). O exposto é verificado nos trechos que seguem:

“Apesar de ter muita informação, ainda engravidam muito cedo (a jovem). Tem muitas doenças sexualmente transmissíveis rolando aí que a gente não sabe. Por isso, é importante a orientação dos pais”. *FACEBOOK 4*

“A gente já veio de uma outra geração que tem uma outra forma de pensar e, às vezes, não consegue uma abertura com os nossos alunos.” *DESTINO*

“Os pais também pouco ligam para os filhos hoje. A gente tem experiências aqui de meninas adolescentes de 13, 14 anos grávidas.” *WEB*

O PSE surge enquanto estratégia para sanar algumas dessas deficiências, visando proporcionar a qualificação e a disponibilização de recursos necessários à implementação da orientação sexual nas escolas, contando com o apoio das equipes da Estratégia de Saúde da Família e da comunidade. Nesse sentido, ambos devem unir-se no sentido de constituir uma rede de apoio na promoção da saúde, da autonomia e na formação plena, crítica e consciente desses adolescentes, entendendo que a escola se constitui num espaço privilegiado para tal (BRASIL, 2011).

Entretanto, foi possível perceber, em estudos realizados em escolas que tinham o PSE implantado, que os professores ainda o desconhecem ou conhecem pouco suas potencialidades, assim como não se colocam no papel de corresponsáveis, deixando clara a fragilidade da articulação entre equipes de saúde e as escolas, o que implica no comprometimento do cuidado aos adolescentes, ao passo que não permite que as ações de promoção de saúde ocorram a partir das suas necessidades e do seu aprendizado (LEITE; MACHADO; VIEIRA; MARINHO, 2013).

Possivelmente, exista uma causa histórica para o modo como a sexualidade sempre foi discutida e vivenciada ao longo dos séculos, tendo como plano de fundo, influências religiosas, econômicas, culturais e científicas. Desse processo surgiu a forma repressora de afastar as crianças do tema, pois as mesmas eram vistas como puras e assexuadas (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015). O fator geracional, aqui exposto nas falas, evidencia essa transformação de valores e revela o contraste e as mudanças adquiridas ao longo dos anos ao se tratar do tema com adolescentes.

“Olhe, não era tratado dessa forma aqui como brincadeira. Muito pelo contrário, isso [sexualidade] nem era tratado, quase. Por exemplo, quando eu menstruei, eu nem sabia o que era menstruação. A gente tinha medo de fazer o asseio porque se passasse a mão na vagina ia perder a virgindade”. *FACEBOOK 2*

“Parece que os adolescentes estão muitos soltos [...] Não o meu caso, porque a gente era muito vigiada”. ENEM

“Anos atrás nas décadas de 70, 80, 90, existia um tempo maior dos pais para cuidar dos filhos e eles se sentirem vigiados. E existia também, a questão religiosa”. WEB

Contudo, a partir do trabalho de Freud, houve uma mudança no enfoque do exercício da sexualidade, tratando-a para além da genitalidade, interligando o sexo dentro de outras atividades humanas, tais quais: organização social, função simbólica e iniciação dos mais jovens, em uma evolução psicosssexual, iniciada ainda bebê, quando o mesmo apresenta satisfação e excitação ao ter sua fome saciada (MARTINEZ, 1998; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

Somado a isso, a orientação sexual para crianças e adolescentes, passou a fazer parte do cotidiano escolar na década de 20, porém, enfatizando o seu caráter moral e higienista. Nas décadas de 80 e 90, com o auge da epidemia de HIV/aids o debate voltou-se para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, permanecendo assim, até após o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (RUSSO; ARREGUY, 2015).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, instituídos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996, determinam que a orientação sexual deve fazer parte dos currículos de todas as disciplinas de forma transversal, sendo abordada sempre que o assunto surgir durante as aulas, o que implica na necessidade de qualificação dos professores (MOIZES; BUENO, 2010; MORAES; VITALLE, 2015).

Não obstante, constata-se que apesar da vasta literatura existente no contexto da saúde sexual e reprodutiva, pouco se fala sobre como, na prática, os docentes abordam a orientação sexual com os adolescentes. Nesse tocante, se reconhece que há um *déficit* na formação desses professores e que os currículos escolares inflexíveis, somados a falta de recursos metodológicos adequados, não permitem que o tema seja abordado de forma abrangente e contextualizada (BORGES; MOURA-FERREIRA, 2015).

Corroborando com Borges e Moura-Ferreira (2015), estudo aponta que existe pouca literatura voltada à preparação dos professores. Assinala ainda, que a responsabilidade de discorrer sobre sexualidade é predominantemente dada aos professores de ciências e que esses se restringem a versar sobre o conteúdo em seu caráter biológico, por acreditar que seja suficiente para preparar os adolescentes para enfrentarem eventuais adversidades relativas à sua sexualidade (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011).

Perante a falta de aproximação com o tema, os educadores tendem a adotar um discurso biologicista, algumas vezes, discriminatório, permeado por seus próprios valores morais, centrado na doença e que não oportuniza ao adolescente a construção do pensamento crítico e plural para o exercício de sua sexualidade de forma livre, consciente e responsável, já que a forma como os professores a exploram em sala de aula é decorrente de como a concebem (PIROTTA; BARBOZA; PUPO; UNBEHAUM; CAVASIN, 2013; NOTHAFT; ZANATTA; BRUMM; GALLI; ERDTMANN; BUSS; SILVA, 2014).

Imbricadas a essas questões, faz-se importante apontar para algumas discussões que vem sendo fomentadas atualmente, levantadas por movimentos políticos conservadores, a exemplo do Movimento Escola Sem Partido (MESP) que têm proposto a “exclusão de qualquer estratégia voltada ao que eles chamam de “ideologia de gênero”, termo cunhado para desqualificar os estudos de gênero e suas diversas aplicabilidades na educação” (ROSENO; SILVA, 2017, p. 2). Por conseguinte, isso deslegitima o papel do professor quando argumenta, sob ataques infundados, que o professor não pode exercer influência sobre os alunos e que estes, juntamente com a escola e estudiosos da área da educação representam uma ameaça à moralidade da sociedade (ROSENO; SILVA, 2017).

Nesse contexto, cabe ressaltar, a importância de o educador assumir uma figura transformadora, que promova a construção do saber crítico, da autonomia dos sujeitos, direcionando os adolescentes à compreensão, não apenas do conteúdo do currículo escolar, mas também da sociedade e de seu papel enquanto integrante dela (FREIRE, 1996).

Ao assumir tal postura, o educador rompe com o modelo de educação predominante nas escolas, no qual o processo de ensino-aprendizagem limita-se a transmissão de conteúdos que na maioria das vezes não se transforma em conhecimento, pois toma o adolescente como passivo/receptor nesse processo. Para Freire, o conhecimento

“[...] não é um ato, através do qual, um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe oferece ou lhe impõe. O conhecimento exige uma posição curiosa do sujeito frente ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Exige uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. [...] Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos” (FREIRE, 1979, p. 28).

Além disso, a importância da adequada formação dos professores é apontada como decisiva para a efetiva inserção da educação sexual nos currículos escolares, de modo que sua formação não se concentre apenas no conteúdo, mas também na metodologia usada para abordá-la para que passem a adotar “práticas que tenham por base a proximidade com as

vivências dos adolescentes, que estimulem a troca de experiências, o raciocínio crítico-reflexivo e o protagonismo deles no campo afetivo-sexual e reprodutivo” (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; OLIVEIRA; GESSNER; SOUZA; FONSECA, 2016, p. 2384).

Há, ainda, a necessidade de que os educadores compreendam e assumam seu papel por uma educação que estabeleça uma relação entre o conteúdo e a realidade, proporcionando aos adolescentes uma reflexão sobre sua vivência fora do contexto escolar, contribuindo para a construção da autonomia e emancipação dos sujeitos (FREIRE, 1996). Outrossim, a omissão da escola na discussão da sexualidade contribui para a manutenção de uma cultura sexista, que estabelece uma relação de inferioridade, colocando mulheres abaixo de homens, e heterossexista, que nos mesmos moldes, crê que homossexuais são inferiores aos heterossexuais, expondo os adolescentes “a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis, a aids, a coerção sexual, a violência no namoro e a exclusão de pares homossexuais” (MURTA; ROSA; MENEZES; RIBEIRO; BORGES; PAULO; OLIVEIRA; RIBEIRO; PRETTE, A.; PRETTE, Z., 2012, p. 336).

Tais situações são reforçadas à medida que se reafirmam os papéis de gênero, entendidos como a vivência da mulher e do homem de acordo com o que é esperado de ambos, socialmente, dentro do estabelecido pela cultura, hegemonicamente, machista, ao qual, o homem ainda é colocado hierarquicamente acima da mulher (MONTEIRO; GONTIJO; FACUNDES; VASCONCELOS, 2015).

Ressalta-se que estabelecidos os papéis de gênero, o homem é frequentemente associado a “características como virilidade, heterossexualidade, força, fonte de sustento material e moral da família e vivência da sexualidade sem limites”, além de nutrir o sentimento de invulnerabilidade e liberdade sexual, aliado a visão do cuidado como papel feminino. Todos esses fatores contribuem como uma barreira à adoção de hábitos e práticas promotoras de saúde (MARQUES JUNIOR; GOMES; NASCIMENTO, 2012; BECHARA; GONTIJO; MEDEIROS; FACUNDES, 2013; VASCONCELOS; MONTEIRO; FACUNDES; TRAJANO; GONTIJO, 2016, p. 188).

O discutido acima é percebido nas falas:

“A mulher, sempre teve um tabu de que necessariamente ela tinha que ser recatada, para poder ter um valor significativo perante os homens. E os homens [...] tinham que ser os garanhões. [...] Hoje, na *internet*, as meninas fazem questão de dizer que ficaram com cinquenta caras. [...] Ah! Um ‘cabra’ desse não pode nem pegar na mão de uma menina dessa que pode ser que caia. [...] A gente ia para a festa de carnaval, namorava, ficava e era

legal, mas não era só o sexo. Hoje o cara vai para uma festa para basicamente, beber e transar, e ter abuso sexual”. *WEB*

Em estudo realizado com adolescentes na faixa etária de 16 a 19, em Fortaleza- CE percebeu-se que, há considerável esforço das escolas em promover ações educativas para os adolescentes, porém, quando os mesmos buscam alguma informação, acabam dirigindo-se primeiramente aos seus pares, o que pode frequentemente levá-los a informação equivocada (GONDIM; SOUTO; MOREIRA; CRUZ; CAETANO; MONTESUMA, 2015; LIMA; BARCELOS; BERNI; CASULA; FERREIRA; FIGUEIREDO; MACIEL; NUNES; OTONI, 2015).

Além do que, é sabido que o início da vida sexual, calcado em crenças e equívocos, promovem situações de risco, tornando-os ainda mais vulneráveis e que, por outro lado, a promoção de discussões, diálogos e compreensão da sexualidade como inerente ao desenvolvimento humano torna-se fator de proteção para esses adolescentes, formando adultos mais saudáveis, respeitosos e felizes (JIMENEZ CANDEL; MANSILLA COLLADO; ARANDA GARCIA; MUNOZ JARAMILLO, 2015; QUEIRÓS; PIRES; MATOS; JUNQUEIRA; MEDEIROS; SOUZA, 2016). Assim, nota-se na fala seguinte, o reconhecimento do risco da falta de informação dos adolescentes, por parte dos professores:

“Tem muitos aí que, eu acho que precisa ser esclarecido melhor, porque também às vezes nem é do modo que eles entendem, tem pessoas que não tem certa informação, né? E está um pouco distorcido isso aí, a questão do sexo para os adolescentes”. *FACEBOOK 2*

Ainda nesse aspecto, a prevalência da iniciação sexual de adolescentes entre 12 e 17 anos foi verificada em um estudo realizado a nível nacional, e ratificou a tendência observada em estudos anteriores de que há um significativo aumento dessa prevalência à medida que os adolescentes ficam mais velhos. Contudo, ressalta a importância de ações educativas voltadas para o público de menor faixa etária para assegurar-lhes pleno exercício de sua sexualidade (BORGES; FUJIMORI; KUSCHNIRI; CHOFAKIAN; MORAES; AZEVEDO; SANTOS; VASCONCELLOS, 2016).

Fortalecendo o exposto acima, estudos afirmam que o início precoce da vida sexual está relacionado à maior incidência de comportamentos de risco, tais como o uso inconsistente de preservativo e que a escolaridade dos adolescentes é um dos fatores determinantes para a adoção de comportamentos protetores (OLIVEIRA; BÉRIA; SCHERMANN, 2014; SASAKI; LELES; MALTA; SARDINHA; FREIRE, 2015).

Destarte, o diálogo, torna-se a ferramenta primordial no trabalho de educação sexual dos adolescentes, e este deve ocorrer a partir de suas indagações, sobre os temas de seu interesse, fomentando a construção do conhecimento por eles próprios, não sendo necessário que o educador seja especialista em educação sexual, mas que esteja apto a provocar o debate de forma imparcial, didática e produtiva. Deve-se reforçar ainda, a importância do diálogo família-escola, pois a linearidade na condução de seus discursos possibilita ao adolescente melhor entendimento quanto a sua sexualidade (MOIZES; BUENO, 2010).

Os próprios adolescentes anseiam por um espaço na escola em que possam falar abertamente, sem que haja julgamentos e punições, e no qual sejam tratados de temas de seu interesse, fugindo do padrão bio-anotomo-fisiológico priorizado pela escola (NOTHAFT; ZANATTA; BRUMM; GALLI; ERDTMANN; BUSS; SILVA, 2014; LIMA; BARCELOS; BERNI; CASULA; FERREIRA; FIGUEIREDO; MACIEL; NUNES; OTONI, 2015).

Essa demanda dos adolescentes aparece também em um estudo que verificou que 89,1% rapazes e 93,3% moças participantes gostariam de aprender mais sobre o assunto sexo e dentre os temas que os adolescentes enumeram como de seu interesse destacam-se “orientações sobre métodos contraceptivos, tipos de relação sexual, gravidez, DSTs, aspectos fisiológicos da sexualidade, homossexualidade, masturbação, abortamento e pornografia” (OLIVEIRA; BÉRIA; SCHERMANN, 2014; BORGES; MOURA-FERREIRA, 2015, p. 93).

Após a socialização e discussão sobre os relatos dos professores, a oficina deu seguimento com a exposição de alguns slides que sintetizavam o tema adolescência e sexualidade, e então, posteriormente, passou-se para a avaliação da oficina pelos professores que reconheceram a importância de espaços que oportunizassem essas discussões:

“Eu acredito assim que esse momento foi viável, porque a questão da sexualidade, querendo ou não é um tema um pouco complexo.” *FACEBOOK 1*

“É importante que tenha, porque a escola tem o papel dela também nesse tema. Precisa colocar de uma forma mais abrangente, de uma forma que possa passar a experiência para eles, e muitas vezes, não estamos preparados”. *WEB*

“Então, legal o trabalho de vocês, porque acrescenta ao nosso conhecimento e a nossa habilidade a lidar com esse tema de uma forma natural e de uma forma que possa ajudar nossos alunos.” *FACEBOOK 4*

Em face disso, entende-se que a escola está além do ensino teórico. É um espaço de vivência e incorporação de conhecimentos de saúde e que cabe aos educadores a difícil tarefa

de incorporar a orientação sexual em sua prática (BANDEIRA; ZUGE; BRUM; POTRICH; SCHMALFUSS, 2016).

Para encerrar a oficina realizou-se a “Dinâmica do Copo de Papel”, na qual foi solicitado aos professores que confeccionassem um copo utilizando apenas uma folha de ofício, sem nenhuma instrução de como fazer o copo. Como resultado, obtiveram-se diversos copos diferentes.

O objetivo da dinâmica foi mostrar-lhes que a sexualidade, é vivenciada por todas as pessoas de forma singular, ou seja, não existe um padrão, assim como não houve padrão na confecção dos copos, a sexualidade perpassa pelas várias dimensões do indivíduo, social, psíquica e cultural e carrega a história, a prática, as atitudes e simbolizações de cada um (MOIZES; BUENO, 2010).

Encarando dessa forma a sexualidade e estabelecendo uma rede de cuidado, no qual, informações seguras e confiáveis cheguem aos adolescentes, de forma que eles possam transformá-las, de fato, em conhecimento, estar-se-á contribuindo para um exercício pleno da sexualidade, de forma madura e responsável, livrando-os das situações de vulnerabilidade e tornando-os protagonistas nesse processo (OLIVEIRA; GESSNER; SOUZA; FONSECA, 2016).

Diante dos discursos apontados, e como contribuição ao *locus* do estudo sentiu-se a necessidade de elaborar um material educativo que norteasse a prática dos professores frente à sala de aula. O material foi elaborado e distribuído na escola para os educadores que demonstrassem interesse pela temática. Nele continham informações sobre sexualidade, sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, algumas propostas de trabalho para professores de todas as disciplinas, e sugestões de leitura para aprofundamento do tema. À vista disso, espera-se que os professores de todas as disciplinas possam tê-lo como base na busca do conhecimento relativo à sexualidade, a fim de contemplar a transversalidade do tema, e de minimizar as barreiras construídas histórica, social e culturalmente em torno da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da oficina foi alcançado, uma vez que, pode-se abordar o tema sexualidade a partir dos discursos dos próprios professores, fazendo-os refletir sobre sua prática e sobre a

necessidade de estarem preparados para trabalhar com o tema em sala de aula, contribuindo com a formação integral de seus alunos. Por ser um tema íntimo e complexo, necessitaria de mais tempo e disponibilidade dos professores para aprofundamento, o que acabou sendo uma limitação desse estudo.

A sexualidade é inerente ao ser humano, e apresenta-se em todas as fases da vida de maneira singular e individual. É na adolescência, que a sexualidade torna-se mais evidente, tornando este grupo vulnerável aos riscos de uma vivência influenciada por diversos fatores, sendo eles históricos, sociais e culturais que permeiam o campo afetivo-sexual.

É importante que as informações no campo da saúde sexual e reprodutiva na adolescência promovam sujeitos autônomos, responsáveis e conscientes do exercício de sua sexualidade, através da adequada orientação. Nesse contexto, a escola e os educadores têm papel fundamental, podendo contribuir positivamente para uma educação integral, social e culturalmente libertadora, na qual, o conhecimento ultrapasse a técnica e o conteúdo dos currículos das disciplinas, tornando claras as relações entre o saber e a vida cotidiana. Portanto, é fundamental que haja durante a formação desses professores um maior aprofundamento nessa temática, a fim de prepará-los para atuar em sincronismo com a dialogicidade perpetuada pelo enfoque freiriano.

Apesar de a escola possuir o PSE implantado e de ter sido campo de prática de uma residência multiprofissional em saúde da família, o estudo apontou para a necessidade do PSE contribuir, verdadeiramente, na efetividade de ações articuladas entre saúde e educação. Isto posto, é preciso atingir a intersectorialidade objetivada pelo PSE para que a escola compreenda, verdadeiramente, os processos e as necessidades dos adolescentes. Para tanto, é necessário vencer as dificuldades encontradas nesse processo, pois estratégias como o PSE, se devidamente implementado, pode demonstrar um enorme potencial de transformação na vida e nas relações entre escolares, educadores e comunidade, que devem tomar consciência do seu papel de corresponsáveis, tornando-se agentes transformadores da sociedade.

Contudo, a escola não pode ser a única protagonista quando o assunto é a sexualidade na adolescência. A responsabilização nessa discussão perpassa pela família, pela escola e pela unidade de saúde. Ademais, a escola também precisa tomar para si a responsabilização em discutir o tema, instaurando parcerias importantes para a capacitação de professores, no intuito de que cada educador, independente da disciplina ministrada, se responsabilize em debater o assunto na sala de aula. E ao se promover discussões e debates sobre o tema, faz-se

relevante assumir posturas em que o saber possa ser socializado e horizontalizado, sob a lógica de uma educação libertadora, de maneira a promover espaços de escuta e oportunidades dialógicas sobre o tema.

Sob esse panorama, o estudo aponta para a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que se aprofundem na abordagem de questões relativas à sexualidade e aos direitos reprodutivos da população adolescente, servindo de subsídios para a criação de práticas e metodologias de trabalho, na área da saúde e da educação, que reprimam toda e qualquer forma de “educação bancária” pautada em uma lógica de opressores e oprimidos.

REFERÊNCIAS

BACCARAT DE GODOY MARTINS, Christine; ALMEIDA, Fabiana Maria; ALENCASTRO, Lidiane Cristina; MATOS, Karla Fonseca; SOUZA, Solange Pires Salomé. Sexualidade na Adolescência: mitos e tabus. **Ciencia y Enfermeria. Concepción**, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000300004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BACH, Maria Regina; CARVALHO, Marco Antônio Batista. **Metodologia da problematização como potencializadora da educação básica**. [S.N], p. 6. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/497-2.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BANDEIRA, Josiane; ZUGE, Samuel Spiegelberg; BRUM, Crhis Netto de; POTRICH, Tassiana; SCHMALFUSS, Joice Moreira. Percepção de educadores sobre a orientação sexual na escola: um solo que nunca pisaram. **Revista Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 10, n. 3, p. 1102-1108, 2016. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/8962/pdf_9884>. Acesso em: 01 nov. 2016.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345. 2011. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n4/pdf/v15n4a16.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2016.

BECHARA, Aline Maria Dantas; GONTIJO, Daniela Tavares; MEDEIROS, Marcelo; FACUNDES, Vera Lúcia Dutra. “Na brincadeira a gente foi aprendendo”: promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 25-33, mar. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/19046>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth; KUSCHNIRI, Maria Cristina Caetano; CHOFAKIAN, Christiane Borges do Nascimento; MORAES, Ana Júlia Pantoja de; AZEVEDO, George Dantas; SANTOS, Karine Ferreira dos; VASCONCELLOS, Mauricio Teixeira Leite de. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n. suppl. 1, p. 1–11, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s1/pt_0034-8910-rsp-S01518-87872016050006686.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BORGES, João Paulo Assunção; MOURA-FERREIRA; Maria Cristina. Orientação sexual para adolescentes: conhecimento e prática de docentes das escolas públicas. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 4, n. 1, p. 89-9, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/1266/1137>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007, 56 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Instrutivo PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011, 46 p. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/legislacao/passos_a_passos_pse.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Diretrizes para implantação do projeto saúde e prevenção nas escolas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006, 24 p. Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/saudenaescola2010/sites/default/files/Diretrizes_de_Implementacao.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2015.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa; AMARAL, Marta Araújo. Reinterpretação da potencialidade das oficinas de trabalho crítico-emancipatórias. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 5, p. 780-787, out. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000500010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2016.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003 Acesso em: 14 mar. 2015.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-ação: a produção partilhada de conhecimento. UNOPAR Científica Ciências Humanas e Educação. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/humanas/article/view/816/780>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONDIM, Priscilla Santos; SOUTO, Natasha Firmino; MOREIRA, Camila Brasil; CRUZ, Maria Elisabete Costa da; CAETANO, Francisca Heronildes Patrício; MONTESUMA, Francisca Gomes. Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 50-53, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2016.

JIMENEZ CANDEL, M. I.; MANSILLA COLLADO, J.; ARANDA GARCIA, E.; MUNOZ JARAMILLO, P. Sexualidad saludable en nuestros jóvenes: un programa de intervención escolar. **Revista Pediatría de Atención Primaria**, Madrid, v. 17, n. 65, p. e33-e37, mar. 2015. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1139-76322015000100008&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 03 dez. 2016.

LEITE, Cícero Tavares; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa; VIEIRA, Roberta Peixoto; MARINHO, Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto. Educação em saúde: percepção de docentes em relação às ações no programa saúde na escola (PSE). **Convibra**, 2013. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/76/2013_76_7712.pdf>. Acesso em: 13 de jan. 2017.

LIMA, Nádia Laguárdia; BARCELOS, Nayara Serrano; BERNI, Juliana Tassara; CASULA, Karina de Almeida; FERREIRA, Luiza Pinheiro Mendes; FIGUEIREDO, Ellen Rose Fernandes; MACIEL, Karina Nihari; NUNES, Mirella César Ferraz; OTONI, Marina Soares. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escurando os adolescentes na escola. **Estilos da Clínica**, Brasil, v. 20, n. 3, p. 421-440, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/117763/115409>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

MARQUES JUNIOR, Joilson Santana; GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 511-520, fev. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2016.

MARTINEZ, Marlene Castro Waideman. **Adolescência – sexualidade – aids**: na família e no espaço escolar contemporâneos. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 21-47.

MOIZES, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100029&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 nov. 2016.

MONTEIRO, Rosana Juliet Silva; GONTIJO, Daniela Tavares; FACUNDES, Vera Lúcia Dutra; VASCONCELOS, Anna Carolina Sena. “Pensando como um menino é mais fácil”:

Construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, Brasil, v. 26, n. 2, p. 207-215, set. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/87928>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

MORAES, Sílvia Piedade; VITALLE, Maria Sílvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência: interações ONU. **Brasil Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 8, p. 2523-2531, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000802523> Acesso em: 28 nov. 2016.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer da Rocha; ROCHA, João Batista Teixeira; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER, Vanderlei. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 1, p. 64-83, 2011.

MURTA, Sheila Giardini; ROSA, Isabela Oliveira; MENEZES, Jordana Calil Lopes de; RIBEIRO, Marcella Regina Silva; BORGES, Ohary de Sousa; PAULO, Sílvia Guimarães de; OLIVEIRA, Verônica de; RIBEIRO, Danilo Cruvinel; PRETTE, Almir Del; PRETTE, Zilda Del. Direitos sexuais e reprodutivos na escola: avaliação qualitativa de um estudo piloto. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 335-344, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a09v28n3.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2016.

NOTHAFT, Simone Cristine dos Santos; ZANATTA, Elisângela Argenta; BRUMM, Maria Luiza Bevilaqua; GALLI, Kiciosan da Silva Bernardi; ERDTMANN, Bernadette Kreuz; BUSS, Eliana; SILVA, Pamela Roberta Rocha. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, p. 290-294, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/927#>> Acesso em: 24 ago. 2016.

OLIVEIRA, Nália de Paula; BÉRIA, Jorge Umberto; SCHERMANN, Lígia Braun. Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM. **Aletheia**, v. 43-44, p.129-146, jan./ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100010> Acesso em: 01 de dez. 2016.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes; GESSNER, Rafaela; SOUZA, Vânia; FONSECA Rosa Maria Godoy Serpa. Limites e possibilidades de um jogo online para a construção de conhecimento de adolescentes sobre a sexualidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 8, p. 2383-2392, 2016. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=792961&indexSearch=ID>> Acesso em: 03 dez. 2016.

PEREIRA, Cláudia de Paulo. **A sexualidade na adolescência: os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes**. 2002. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Pública, Departamento de Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4964/2/633.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2016.

PIROTTA, Kátia Cibelle Machado; BARBOZA, Renato; PUPO, Lígia Rivero; UNBEHAUM, Sandra; CAVASIN, Sylvia. Programas de orientação sexual nas escolas: uma análise das lacunas na implementação de políticas públicas a partir da percepção dos alunos da rede municipal de ensino de São Paulo. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, v. 3, n. 1, p. 190-210, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97893/96686>> Acesso em: 26 ago. 2016.

QUEIRÓS, Pollyanna de Siqueira; PIRES, Laurena Moreira; MATOS, Marcos André; JUNQUEIRA, Ana Luiza Neto; MEDEIROS, Marcelo; SOUZA, Márcia Maria de. Conceptions of parents of adolescent students about the sexuality of their children. **Revista Rene**, v. 17, n. 2, p. 293-300, 2016. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/2275/pdf>> Acesso em: 01 nov. 2016.

ROSENO, Camila dos Passos; SILVA, Janaína Guimarães da Fonseca. Políticas Públicas Educacionais em Gênero e Diversidade Sexual: atos de resistência diante do avanço do conservadorismo do movimento “Escola Sem Partido”. **Itinerarius Reflectionis Revista Eletrônica da Graduação/Pós-Graduação**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Windows7/Downloads/47804-203211-1-PB.pdf>> Acesso em: 09 fev. 2018.

RUFINO, Camila Borges; PIRES, Laurena Moreira; OLIVEIRA, Patrícia Carvalho; SOUZA, Sandra Maria Brunini; SOUZA, Márcia Maria. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 983-91, 2013. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n4/pdf/v15n4a16.pdf> Acesso em: 21 jun. 2016.

RUSSO, Kalline; ARREGUY, Marília Etienne. Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 501-523, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n2/0103-7331-physis-25-02-00501.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2016.

SASAKI, Reinaldo Satoru Azevedo; LELES, Cláudio Rodrigues; MALTA, Deborah Carvalho; SARDINHA, Luciana Monteiro Vasconcelos; FREIRE, Maria do Carmo Matias. Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 95-104, jan. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000100095&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2016.

SFAIR, Sara Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, Roseli Esquerdo. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/104832>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

VASCONCELOS, Anna Carolina de Sena e; MONTEIRO, Rosana Juliet Silva; FACUNDES, Vera Lúcia Dutra; TRAJANO, Maria de Fátima Cordeiro; GONTIJO, Daniela Tavares. Eu virei homem!: a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto

de promoção de saúde sexual e reprodutiva. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 186-197, mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902016000100186&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2016.